

UNICEUB – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

ARQUITETURA É MARKETING

MAÍRA CARDOSO

RA N° 203209/97

Monografia apresentada para conclusão do
Curso de Propaganda e Marketing da
Faculdade de Ciências Aplicadas – FASA
do UNICEUB.

Orientador: Prof: FERNANDO BRAGA

BRASÍLIA

2007

“Bom mesmo é ir a luta com determinação,
abraçar a vida com paixão, perder com classe
e vencer com ousadia,pois o triunfo pertence a
quem se atreve...
A vida é muita para ser insignificante”

(Charles Chaplin)

Aos grandes Arquitetos e Publicitários de Brasília, a minhas amadas mãe Mariângela e avó Maria Cardoso pelo incentivo incessante e amor profundo. Aos meus familiares, professores e amigos.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, a minha família e ao UNICEUB por todas as condições que sempre me deram para correr atrás de meus sonhos.

Aos professores Fernando Braga, um grande orientador pelo respeito, ensinamentos, conselhos e por ter me ajudado a transformar os momentos de dificuldades em lições assimiladas. A professora Tatiana uma grande companheira nessa nova etapa de aprendizados.

Aos meus amigos e em especial minha grande amiga Kátia U. Bonavides que muito contribui para meu crescimento pessoal e “espiritual” sempre disposta a me ajudar nas horas difíceis, obrigada pelo apoio, pelo carinho, pela paciência e principalmente pelo amor constante, a todos minha gratidão e admiração.

SUMÁRIO

1. Introdução	01
2. Marketing e Arquitetura	02
3. A Arquitetura da Felicidade	04
4. A história da Arquitetura.....	09
5. A história da Arte	11
6. O belo e a estética	13
7. A Psicologia e a Arquitetura	17
8. A Arquitetura de Brasília.....	20
9. Considerações Finais	24
10. Bibliografia.....	26
11. Sites Pesquisados na internet.....	27

RESUMO

Esse trabalho foi realizado com o propósito de confrontar a Arquitetura, que tanto admiro, com o curso que faço Marketing e Propaganda, verificar e associar ambas em uma única questão: Arquitetura é felicidade ? esta é a proposta e é evidenciada aqui através de estudos e pesquisas e desde a idade antiga, média até os tempos de hoje e claro o futuro. Descobre-se que inclusive é um processo natural, não há uma boa Arquitetura sem uma excelente propaganda que é a da venda dos sonhos. Esse tema é muito rico e o acerto maior foi na “jogabilidade” . Vale a pena interagir, fazer a diferença que foi o caso.

INTRODUÇÃO

Arquitetura da felicidade identifica as construções humanas se suas relações históricas , pessoais, emocionais e psicológicas. É um verdadeira viagem ao tempo denotando o simbolismo da felicidade que está ligado a busca de segurança, o conforto , a paz , o refúgio entre outros. O ser humano está em constante desconstrução e construção de suas casas, de seus lares e seu interior, como integrante do mundo e seu dinamismo. Não há como ser elemento estático. A busca pela Beleza é antes de tudo um motor que impulsiona o desenvolvimento humano.

Devemos ter em mente que os objetos feitos pelo homem trazem consigo uma história a ser contada e perpetuada, essa é a intenção registrar o que é importante. O mesmo luta contra as imposições da natureza, tentando imitá-la ou superá-la com sua arte geometria, seus monumentos que parecem desafiar as leis naturais como ação da gravidade e a estática de movimento, o equilíbrio e o designe natural formatado pela própria natureza. O equilíbrio entre elementos contrastantes aplicados numa construção nos explica o encanto que as formas arquitetônicas nos evocam, além da beleza visual temos embotado nelas valores éticos da psique humana. Somos chamados à elegância pelo o fato de algumas construções desafiarem de forma sutil e divina as adversidades geográficas e condicionantes da natureza.

Outro aspecto importante são as construções modernas é a coerência com o fim a que elas se destinam. Um exemplo disto um arranha-céu que deve trazer na sua ornamentação elementos que o elevem para tocar o inexistente e inalcançável firmamento. O belo volta a fazer parte das realizações humanas, em uma dimensão mais ampla onde o importante é a realização pessoal transcrita sob a luz da felicidade. É o equilíbrio entre a beleza e a força.

MARKETING E ARQUITETURA

Marketing é uma função organizacional, um processo social que envolve a criação, comunicação e a entrega de valor para os clientes, bem como a administração do relacionamento com eles, de modo que beneficie a organização e seu público interessado. Também pode ser um grupo de pessoas que desejam obter aquilo de que necessitam com a criação, oferta e livre negociação de produtos e serviços. Marketing é a entrega de satisfação para o cliente em forma de benefício através das atividades sistemáticas de uma organização humana voltada à busca e realização de trocas para com o seu meio ambiente.

De forma pragmática a palavra Marketing assume sua tradução literal: Mercado. Pode-se, então, afirmar que Marketing é o estudo do mercado. É uma ferramenta administrativa que possibilita a observação de tendências e a criação de novas oportunidades de consumo visando a satisfação do cliente e respondendo aos objetivos financeiros e mercadológicos das empresas de produção ou prestação de serviços. O conceito contemporâneo de Marketing engloba a construção de um satisfatório relacionamento a longo prazo do tipo *ganha-ganha* no qual indivíduos e grupos obtêm aquilo que desejam e necessitam. O marketing se originou para atender as necessidades de mercado, mas não está limitado aos bens de consumo. É também amplamente usado para "vender" idéias e programas sociais. Técnicas de marketing são aplicadas em todos os sistemas políticos e em muitos aspectos da vida.

Com relação ao Marketing e à Arquitetura, as campanhas promocionais expressam não somente o lado pragmático do empreendimento, da construção, pode-se desenvolver um programa arquitetônico já visando sua publicidade, a quantidade de elementos e equipamentos coletivos oferecidos, atrativos que visam seduzir um público, veja por exemplo um edifício projetado para classe média: As peças promocionais normalmente ressaltam a diversidade de serviços e equipamentos, tais como a existência de sistemas de ar-condicionado central – o *must* da década de 1970, água quente, TV a cabo ou central de gás. Algumas enfatizam os sistemas de segurança: CCTV, controle remoto de portões, sistemas de comunicação interna e central de segurança tudo já incluído nas taxas de condomínio .

Em tempos de racionamento de água, ou de energia elétrica, o poço artesiano, ou o gerador por exemplo, tornam-se elementos que distinguem o empreendimento. São atrativos que podem ser trabalhados em uma campanha de publicidade, é o Marketing trabalhando em conjunto com a Arquitetura.

A ARQUITETURA DA FELICIDADE

No livro *A Arquitetura da Felicidade*, Allain de Botton descreve com poesia, e romantismo o desenvolver da arquitetura das construções humanas. Focado em aspectos históricos, filosóficos, psicológicos e artísticos o autor faz uma viagem através do tempo e coloca como o indivíduo interfere no ambiente no qual está inserido, a fim de obter mais conforto físico, moral e psicológico para diferenciá-lo dos demais e para garantir sua permanência no planeta. Dividida em seis capítulos, esta obra é um tratado para leigos que queiram gerar laços de identidade e emotividade com a arquitetura.

No primeiro capítulo, intitulado *“A importância da arquitetura”*, o autor insere o item arquitetônico mais comum e íntimo ao ser humano, a casa. Para a casa, uma descrição quase humana, personificada como um ente familiar muitas vezes invisível, mas que vivifica a própria existência no sentido de ser o lar das pessoas, local que não tem a solução de todos os problemas dos habitantes, mas que carrega o simbolismo da felicidade nas suas vigas, tijolos, argamassas que em conjunto constroem a arquitetura que abriga, trazem paz e refúgio. Neste, o autor enfoca como os desenhos arquitetônicos traduzem o desejo de felicidade, a necessidade de estar abrigado por algo que, mesmo sendo passível de sucumbir às intempéries do tempo, nos permite a “ilusão” de eternizar nosso interior, pois, é a partir dele que formamos a imagem da construção do belo e, das dores que trazemos e das experiências ao longo da nossa vida que realizamos nossas construções.

Sob o título *“Em que estilo devemos construir?”*, no segundo capítulo do livro de Botton, temos configurada a desconstrução das premissas impostas pela história e pela filosofia econômica, um vez que até meados dos século XVIII ninguém ousava sair da imposição do classicismo imperativo, onde a originalidade era negligenciada. Questionando o que vem a ser uma construção bonita, ou o que é o belo, o que vem a ser a definição de atraente o autor reduz todas estas questões à ordem íntima de cada personagem da história, onde o homem ao construir uma obra de arquitetura não se preocupa em agradar a mais ninguém a não ser a si mesmo, compensando a

construção imóvel e fria com objetos decorativos que traduziam sensibilidade e aconchego.

Com o aumento da população nas grandes cidades e o fim do feudalismo, houve crescente preocupação em construções de casas mais simples, onde fatores limitantes modelavam as construções, tais como o clima, o transporte de materiais, custos arquitetônicos.

Estas limitações trouxeram uma identidade arquitetônica local. Para a aristocracia não havia fatores limitantes que pudessem segurar por muito tempo a tendência ao ecletismo arquitetônico. O primeiro aristocrata a romper com o classicismo imperativo da época foi Horace Walpole, filho do primeiro-ministro britânico, que a despeito das demais opiniões construiu uma casa de campo no estilo gótico, fazendo alusão à época medieval.

Com essa quebra, a aristocracia formou o que podemos chamar talvez de a primeira grande globalização em termos de arquitetura, onde cada um construía a seu bel prazer, e de repente os arquitetos se viram diante do caos em termos de formas e estilos até a chegada da revolução industrial e com ela a alusão do lucro a qualquer custo, onde o tecnicismo tomou o lugar da arte nas construções, onde se construía por objetivos concretos e práticos, um período onde a tecnologia aliou-se aos engenheiros, a necessidade de ampliação das cidades forçou a modificação das estruturas e formas, onde a produção em série tomou o lugar do artesanato.

Em “Construções que falam”, terceiro capítulo da obra, o autor coloca a forma como resultado dos desejos humanos de tornar eterno um sentimento, e de transcrever para o mundo real a emoção e as sensações abstratas de sua existência. Permeando o início do século XX o autor retrata como a escola modernista e o capitalismo como *modus vivendis* modificaram novamente a construção arquitetônica. As esculturas e as construções exercem o papel de comunicar ao mundo o interior humano, por mais abstrato, com formas desconhecidas, o objeto é capaz de transmitir informações e emoções às pessoas.

O belo volta a fazer parte das realizações humanas, em uma dimensão mais ampla onde o importante é a realização pessoal transcrita sob a luz da felicidade. A personificação dos objetos e adornos traz sensações de forma inovadora e rotulam as classes sociais. Os objetos devem servir a um anseio humano, a exemplo uma

cadeira, que independente da forma que tenha, é aceita como cadeira se informa ao seu usuário que é capaz de sustentar e proteger seu corpo. Os materiais desenvolvidos, principalmente a partir do refino do petróleo, trazem novas possibilidades de aplicação, rompem fronteiras virtuais e modelam o mundo com uma roupagem que permite a extrapolação da imaginação para o real. É permitida a associação de várias vertentes artísticas nas construções e, esta associação pode trazer um simbolismo que destoa da real função e atribuição de uma construção. A incessante busca pela felicidade é ação primária na confecção do belo com valores fundamentais para o nosso desenvolvimento a figuração da nossa essência no campo material.

O quarto capítulo “Lares ideais” apresenta um trecho que norteia os desejos construtivos humanos:

“A nossa sensibilidade ao que nos cerca pode ter origem numa característica incômoda da psicologia humana: o modo como abrigamos dentro de nós muitas identidades diferentes, e nem todas parecem igualmente “nós”, tanto que em determinados estados de espíritos podemos nos queixar de termos nos afastado do que julgamos ser o nosso eu verdadeira” [Botton, pp 106]

Um lar não é apenas o local onde nos abrigamos e guardamos nossos objetos pessoais e nossos anseios mais íntimos, é antes de tudo um local onde nos enxergamos, onde percebemos uma identificação com nós mesmos, qualquer lugar que traga essa sensação é por nosso interior considerado como nosso lar, mesmo um banco numa praça pode nos trazer a sensação de lar. A harmonia entre uma determinada construção e nosso eu interior nos remete a sensação de lar. Um exemplo de lar fora do conceito de casa são os templos religiosos, que comunicam abrigo a uma parte da nossa psique não acessível ao mundo material, a alma.

O ser humano está em constante desconstrução e construção de suas casas, de seus lares e seu interior, como integrante do mundo e seu dinamismo, não há como ser elemento estático. A busca pela Beleza é antes de tudo um motor que impulsiona o desenvolvimento humano. Devemos ter em mente que os objetos feitos

pelo homem trazem consigo uma história a ser contada e perpetuada, essa é a intenção registrar o que é importante.

“*As virtudes das construções*” é o título do quinto capítulo, onde Botton evoca a necessidade da reflexão ao construirmos algo, devemos ser flexíveis para chegarmos à satisfação do que seja ser belo, mas, isto não basta para construirmos algo belo, fatores como o meio-ambiente, a história, o período histórico, economia e pensamento filosófico da época em que vivemos também corroboram o sucesso de uma bela construção. Não há uma lei que reja a arte da arquitetura, pelo menos nenhuma que tenha vigorado por mais de uma época, pois, não podemos esquecer o dinamismo da evolução da vida e do próprio mundo, este sempre em transformação para acomodar as energias que nele atuam.

Outro aspecto importante nas construções modernas é a coerência com o fim a que elas se destinam, um exemplo disto um arranha-céu que deve trazer na sua ornamentação elementos que o elevem para tocar o inexistente e inalcançável firmamento. O autor nos afirma que:

“...nada na arquitetura é feio em si mesmo, está simplesmente no lugar errado ou foi feito no tamanho errado, enquanto a beleza é filha do relacionamento coerente entre as partes” [Botton, pp 218].

Deve-se estar atentos ao ambiente onde a construção é feita, ao momento no qual ela foi concebida e estruturada, para não incorrerem em erros de formato e sermos mal interpretados em nossas construções, é preciso ter coerência para realizarmos construção com beleza, e isso está condicionado também ao auto-conhecimento do ambiente e do momento histórico, e indo além, a construção do belo está condicionada a proeza de ter humildade nas escolhas, na leitura emotiva e lógica da complexidade da vida.

No sexto capítulo da obra intitulado “*Promessas do campo*” nos deparamos com um desafio lançado pelo autor:

“Devemos aos campos que nossas casas não sejam inferiores à terra virgem que substituíram. Devemos aos vermes e às árvores que os prédios com os

quais os cobrimos sejam promessas dos mais altos e inteligentes tipos de felicidade” [Botton, pp 267].

Convocando a consciência que devemos ter ao alterar o estado natural de um ambiente. Indicando que construir implica necessariamente ter responsabilidade com algo maior que o desejo de perpetuar sua passagem por este mundo. A construção deve valer o esforço e o sacrifício dos elementos, e o preço é a felicidade.

A HISTÓRIA DA ARQUITETURA

A História da Arquitetura caminha junto com a história da arte, é uma subdivisão formando valores e opiniões, tem um sentido dual quanto ao artístico e estético, é pedagógica nos ensina valores morais e éticos de uma fascinante história coletiva associada a memória de nossos valores. As primeiras grandes obras de arquitetura nos remete à antiguidade desde os períodos pré-históricos, sempre ligada a idéia de abrigo, tudo indica que iniciou com a técnica de lapidar a pedra, a sociedade primitiva construía cavernas para se protegerem da natureza, dos animais, dos outros. Sabedores da efemeridade da existência humana, sua arquitetura era o instrumento privilegiado através do qual supunha-se dotar a vida de um sentido de permanência, já era notada uma consciência coletiva. Na Mesopotâmia descobriu-se o berço das primeiras construções, totalmente representada pelo espírito da época. Na antiguidade de (2900 a.C a 540 d.C) as construções faraônicas destacadas por belas pirâmides, é o período helenista e uma ligação tênue entre o Egito e a Grécia; No período Islão (622 a.C a 1600 d.C) Maomé era inspiração que desafiava as obras do “Senhor”, o homem falava e mostrava a Deus que ele era maior; No período Gótico (1130 a.C a 1500 d.C) suntuosas catedrais Francesas, o renascimento tornava a arquitetura mais humana, as construções tinham uma decoração voltada a idéia do belo e o divino era exaltado apesar do clero perder seu poder, Deus era mostrado no interior de suas obras, exemplo da Capela Sistina, Juízo final, pintada por Michelângelo que foi é um dos arquitetos renascentistas que podem ser chamados de maneiristas.

No barroco (1600 a.C a 1780 d. C) nasce o classicismo, as construções européias mais uma vez em voga, o poder eclesiástico mais “floreado” o rei era o representante direto de Deus e o absolutismo lhe conferia esse poder, uma nova visão e novas atitudes eram deliberadas perante o sagrado e todos os sinais manifestados pela artes de um modo geral indicava que o universo humano não era mais o mesmo, não poderia deixar de refletir na arquitetura, o homem da época amou essa fase rica de orientações do “além” que contracenava com sua individualidade.

Quando o iluminismo se instala, nasce a arquitetura da razão, do pensar, começa a luta pela soberania, mas essa reforma primeiro precisa partir das mentes,

era a democracia mental e o iluminismo começou esse movimento intelectual, na medida que crescia o homem, sua construção se libertava. A partir de 1840 marcada pelo historicismo, as obras arquitetônicas antigas não eram mais o ponto de partida pra criar o novo, era o começo que muito devagar para uma globalização de novas idéias, é sabido que desde o começo as obras serviam de modelos, a busca pelo ideal dentro da arquitetura desenvolve ao longo do anos, períodos de dúvidas e certezas, é o homem assumindo o seu discurso social. No livro A História da Arquitetura, KÖNEMANN diz que :

“Nada caracteriza melhor o historicismo que o seguinte procedimento: As inovações eram embrulhadas com um revestimento familiar, um edifício gigantesco de uma parlamento com as roupagens de uma catedral gótica”
[KÖNEMANN, pág.72]

Desde o começo a arquitetura era contemplada com indivíduos dispostos a criar um mundo melhor a sua volta, mesmo dentro de uma caverna ele buscava a idealização primaria em seus objetivos, que a princípio era habitar, superando toda ordem de contrariedades, as situações eram limitadas, mas eles se permitiram viver mais e melhor, a arquitetura era primordial a essa sobrevivência. Os historiadores a cada momento ficavam fascinados com cada detalhe remontavam a história permeada de segredos. Na metade do século XX buscou-se um novo modelo, o mundo sofria com as mudanças que as cidades industrializadas ofereciam, busca-se mais a natureza e toda sua grande arte exposta relacionadas um mundo mais industrial, as construções eram frias e ganharam calor com a introdução dos jardins de inverno por exemplo, levando esse contato com a natureza. Hoje temos uma arquitetura rica em construções, materiais, detalhes, formas, e a mídia foi se especializando na sua capacidade de criação e principalmente de influência, de formação de opiniões e valores, o ecletismo, o místico, o holístico criam novas construções, o homem quer viver mais , ele quer qualidade de vida e essa qualidade começa na moradia, mas há um novo tipo de educação estética, que coloca o arquiteto diante de grandes desafios que exigem soluções práticas. Esse é resultado obtido após séculos de histórias, construções e investigações criadas por esse mesmo homem.

A HISTÓRIA DA ARTE

A história da arte reúne um conjunto de evidências, estudos e obras de uma época, podendo ser histórico ou pessoal; na linha do tempo tivemos o período pré-histórico (anterior a 3500 a.C) idade média (476 d.C a 1453 d.C) idade moderna (1453 d.C a 1789 d.C) e idade contemporânea (1789 d.C) e já no período paleolítico, as primeiras manifestações se desenvolveram antes mesmo do surgimento das civilizações, portanto, antes da escrita, denotando um pragmatismo e nos levando a compreender um sentido que era de magia e espiritual para eles, por exemplo a caça; As cenas de caça não tinham ligações com as situações vividas pelos seus grupos e sim um sentido elevado, contato com o espiritual. As manifestações artísticas mais antigas são do período paleolítico e foram encontradas na Europa, em especial na Espanha, sul da França e sul da Itália e datam de aproximadamente de 25000a.C., na França , encontramos o maior número de obras pré históricas e até hoje em bom estado de conservação, como as cavernas de Altamira, Lascaux e Castilho.

Ao longo dos séculos, os artistas foram construindo períodos, descobrindo estilos, estética, movimentos, idéias e ideais, etnias, culturas importantes para compreensão da historia humana mundial. Essas buscas e investigações giram em torno do mais antigo dos questionamentos humano: Quem somos nós ? de onde viemos ? para onde vamos ? e esses mesmos historiadores sobrevivem as custas dos impulsos criativos dos artista, é indiscutível que todo artista necessita desses impulsos , é o fio que nos conduz a toda construção da Historia da arte. Dentro dessa contextualização, no livro História Geral da Arte, H.W Janson afirma que :

“ Quanto mais tentamos definir a sua conexão e encontrar-lhes as raízes históricas, mais paradoxal essa relação nos parece. Baseadas na idéia de progresso, inspiram o preito de uma religião” [Janson, introdução]

Os períodos e movimentos da História da Arte promoveram enfoques multidisciplinares envolvendo a antropologia, filosofia, historia universal, arqueologia, literatura, psicologia, ética, política entre outros; Na linha do tempo tivemos o período pré-histórico (anterior a 3500 a.C) idade média (476 d.C a 1453 d.C) idade moderna

(1453 d.C a 1479 d.C) contemporânea (1453 d.C a 1789 d.C) e idade contemporânea (1789 d.C) deram sua contribuição conferindo o contato das civilizações com o momento artístico da época. Hoje, quando falamos de arte normalmente as pessoas já ligam a estética e nem sempre o ideal de beleza esta presente, esse depende do tempo e dos costumes que dependem do objetivo do artista, são caminhos diferentes com conjunturas semelhantes. No Brasil, a história da arte começou a se manifestar desde sua descoberta, através do artesanato indígena; Na colonização do Brasil por Portugal, foi criada a Academia de Belas Artes, reunindo pinturas, gravuras e desenhos com uma forte influencia externa, recebíamos muitos visitantes, artistas de outros países, e os artistas brasileiros aproveitam essas influências e transformavam o que vinha e fora em obras com características brasileiras; Em 1922 quando aconteceu a primeira semana de arte moderna, os brasileiros apresentaram o resultado dessa junção da nossa cultura com o externo, sugerindo a esse grande movimento artístico internacional que a renovação de idéias pode se unir em torno de uma nova proposta estética.O Brasil era novo na arte mas não imitou , acatou a idéia e renovou, deu outros olhos a crítica estrangeira.

O pintor suíço Paul Klee disse uma vez que "a arte não imita o visível: cria o visível". Sua frase sintetiza uma das principais discussões da história da arte, aquela que opõe de um lado os adeptos da imitação e de outro os da invenção. Mais sistemático, o pintor russo Vassili Kandinski definiu três elementos constitutivos de toda obra de arte: o elemento da personalidade, próprio do artista; o elemento do estilo, próprio da época e do ambiente cultural; e o elemento do puro e eternamente artístico, próprio da arte, fora de toda limitação espacial ou temporal.

[Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações - Em CD Room 1997]

O BELO E A ESTÉTICA

O belo é lindo, é perfeito, estético e discutível. Cada pessoa tem uma perspectiva do belo que não se limita a noção do outro, o belo é íntimo, está ligado ao lúdico, as fantasias e ao onírico, reina e tem um caráter sensível. Na antiguidade, a beleza é entendida como um atributo exclusivo de Deus, o criador supremo, é tratada por Platão, Aristóteles e Plotino. O discurso é tão extenso e complexo quanto ao do amor, o amor é o delírio do belo que tem parceria com o gosto, a harmonia e a perfeição. **Platão** (427-347 a.C.) sentia que objetos bonitos incorporavam uma proporção, harmonia, e união entre eles semelhantes nas "Metafísicas", o belo é uma essência divina, ou a idéia inteligente que pode ser evidenciada através da relação estabelecida entre o amor e a sabedoria. O belo é o bem,, portanto, a beleza não se liga somente à arte, é uma força mediadora entre o supra-sensível e o sensível, ele define o belo como ser com concepções arquetípicas em favor de idéias reais e transcendentas. **Aristóteles** (384-322 a.C.) teorizou que os elementos universais de beleza eram a ordem, a simetria e a definição era mais racionalista, sistematizou os conceitos e conservou o fundamento ontológico universal sobre o individual, somente as questões singulares eram reais desde que obedecessem as leis universais.

"O belo desfila todos os dias diante de nós.

Ele nos seduz nas colinas quando coroadas pelo sol matutino.

Está nos trêfegos regatos a descer das encostas.

Habita nas flores.

Brilha nas pedras preciosas.

Ornamenta as porcelanas.

Aviva as vestes festivas.

O belo vive também na mocidade elegante que sai a passeio e ingressa nos salões.

Este desfilas das coisas belas nos diz que também a vida é bela."

Professor Evaldo Pauli.- UFSC

No livro “Um convite a Estética”, do filósofo Espanhol, naturalizado mexicano, Adolfo Sánchez Vázquez defende um discurso quanto a reconstrução e crítica do conhecimento histórico e filosófico, em uma época em que parte do socialismo soviético se instalava, ele explicava a representação desse fenômeno como a objetividade do homem. Evidencia que a estética não se situa como mero objeto de estudos e sim um grandioso projeto de conhecimento, questionando as estéticas tradicionais irrealis que se vira contra o concreto real. As primeiras notícias que se tem sobre os estudos da estética foram representadas pelo filósofo Alemão Baumgarten (1714 a 1762) que tratou em separado o sentimento da apreciação da arte e do belo em geral como um conhecimento sensível, denominando a estética como as “ciência dos sentidos” e o subjetivo do belo é considerado obra humana.

A Estética , para Vázquez, é um conjunto de valores construídos sob a ótica do mundo racional ou empírico, a ciência estética sugerida por ele, é um sistema de idéias que são inseridas no contexto social e histórico. Após, essa metodologia surgiram os problemas que corroboram para o não crescimento do conhecimento estético concreto, ela não depende de uma orientação ontológica, mas de investigações consistente e fundamentada quanto a sua natureza. Segundo o autor, muitos reivindicam formas arquetípicas de julgamento estético, mas nem todo belo é estético e vice-versa.O projeto do belo na visão de Vazquez, é lento e dolorido.

“É belo tudo quanto diz bem da excelência do homem no aspecto em que ele difere dos outros seres” [Santo Tomás de Aquino, “Suma Teológica”, II-IIae, q. 142, a. 2].

Veja como Mikel DUFRENNE (1991, p. 48-59) coloca a problemática do valor estético: “Como pode a arte revelar-se portadora e criadora de valores? E de que valores? O chefe de uma tribo que ordena um fetiche ou o príncipe que encomenda o seu retrato, não pensam em termos de valor estético, eles obedecem a ritos que dizem respeito à salvação ou glória”. A arte ainda não foi inventada, ou ao menos, eles não a reconheceram, eles não encomendam obras de arte, mas instrumentos do culto ou da cerimônia cujo valor reside na eficácia.

Valor de uso que se experimenta na consumação, a consumação, aqui, não é estética. Acaso será necessário, para afirmar um valor mais autêntico, colocar a obra de arte fora do alcance do empíreo, onde reina a beleza? ” Muitos foram os pensadores filosóficos, os psicólogos e historiadores que falaram do belo, e todos são unânimes quanto a beleza estética e suas complexidades, seus padrões que determinam a opinião e o julgamento estético que é uma forma de reprodução do pensamento humano e não se resume apenas na prática artística e sim no seu potencial de transformação.

A estética e o belo são agentes transformadores de toda história da humanidade, o objeto estético passa a ser considerado como produção material , os padrões de consumo se alargam conforme a necessidade de contemplação que pode ser estético ou fetichista em função de sua riqueza que é de caráter inventivo. Antes de chegar ao século XX, a estética juntamente com o belo enfrentou a Grécia e Roma antigas, a Idade Média, o Renascimento, e a estética vitoriana do século XIX, apoiada por textos de Sócrates (470 a.C.a 399 a.C.) Platão (428/27 a.C.a 47 a.C) Aristóteles (384 a.C a 322 a.C.) os trabalhos destes e de muitos outros autores, construindo a história do homem, do olhar humano.

O belo é visto sob vários aspectos, no folclore, na moda, no arranjo pessoal, na arquitetura, igrejas entre muitos, é sócio-cultural e seu valor estético é importante e decisivo. Por exemplo: Os fractais é um ramo da matemática que estuda o comportamento da figuras geométricas que não são explicadas pela geometria Euclidiana, Euclides (330 a.C. a 270 a.C.), está mais presente nas artes, um fractal pode ser dividido em muitas partes, mas todas absolutamente iguais com seus abstratos preservando a beleza e a estética tão perfeitas,é a junção do simples e do complexo se difundindo. A estética é uma disciplina inaugurada no século XVIII na Alemanha. Já estava presente em Platão e em Aristóteles na Grécia Antiga, mas, como disciplina, ela nasce somente com Kant em 1790.

Immanuel Kant ou Emanuel Kant (1724 a 1804) destaca que o caráter estético de um objeto é determinado pela capacidade que o objeto tem de proporcionar prazer

para quem o percebe. A obra de arte adquire um estatuto que é a capacidade de gerar em seu receptor um “prazer puro”.

Ele define a Idéia estética da seguinte forma: “Uma representação da imaginação, que dá muito a pensar, sem que nenhum pensamento determinado, isto é, nenhum conceito, possa ser-lhe adequado, e que portanto, nenhuma língua pode completamente exprimir e tornar legível.” Esta definição de Kant nos remete a um processo inesgotável do sentido, a uma impossibilidade da imaginação ser estancada por um conceito, o que é a própria idéia de aura tal como pensada por Benjamin.

Hoje os assunto mais debatidos sobre a estética e a beleza tem haver com problemas sociais e econômicos enfrentados por um mundo globalizado, cheio de idéias que envolvem questões sobre a identidade cultural, a estética do cotidiano, a natureza, e a diversidade cultural.

A PSICOLOGIA E A ARQUITETURA

A Psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano, o que motiva tal comportamento e seus processos mentais, que passam pela sensação, emoção, percepção, aprendizagem, inteligência, dor entre outros sentimentos. A arquitetura constrói sonhos, abrigos. Nelas são empregados recursos da arte, da beleza, o tempo se colocando no espaço, a natureza se integrando com a história, uma idéia se tornando um gesto, o silêncio se faz palavra, o devaneio se faz obra, o desenho transformando realidades. Quanto mais subjetivos e mais profundos os sonhos de um cliente, mais profundas serão as buscas do Arquiteto. A Arquitetura trabalha em conjunto com as emoções e percepções, cada um busca dentro de si um projeto, um resultado que alivia sua “alma”, seus anseios mais íntimos, essa relação de pessoa-ambiente, como resultado:

Ambiente construído, denota um apontamento para as respostas a suas emoções humanas, muita se sabe de um arquiteto e seu cliente quando essas emoções são evidenciadas em suas obras, sabe-se sobre a afetividade quando os materiais são utilizados. Que tipo de matérias serão usados para corresponderem as necessidades emocionais de seu cliente? Cada qual com sua necessidade de expor suas emoções, emoções positivas ou negativas são evidenciadas, seus bloqueios e mecanismos de defesa, cada um faz sua terapia, é terapia para o cliente construir algo que atenda suas demandas sociais, emocionais e espirituais e o arquiteto tem um papel fundamental de retratar na íntegra essas emoções podendo aliviar as dores humanas através de seu trabalho.

Quando associamos a psicologia as artes, temos a oportunidade de presenciar a capacidade de um criador se expressando através de sua criação. Isso é psicologia, são sentimentos ausentes ou transbordando, são emoções. Através da arte, há um preenchimento, uma complementação desses sentimentos, por exemplo: O cineasta, quando cria sua obra, de alguma maneira fala do seu contexto interno, e através do cinema evidencia esse conteúdo. Não são raras as vezes que se extrai de um bom filme, mensagens que carrega-se por toda uma vida. Durante o processo de construção dessa obra, o autor muitas vezes, não imagina que transfere suas dores,

traumas, para o público, ele se expõe mas poucas são as pessoas que enxergam sob essa ótica, a não ser que seja uma autobiografia, ele encara apenas como um trabalho, mas é subjetivo, não para enquanto não deixar claro suas construções mentais, sob essa ótica um filme deixa de ser encarado apenas como um filme e se torna uma fala inconsciente do autor. Imagina a capacidade desse autor, ele pensa em tudo, no local, no clima, na situação, nos atores, vegetação, cores, estilos, roupas, e tudo no fundo está relacionado com o momento dele quando cria, ele pensa no cotidiano inserido no tempo. Para ele, o mais importante é o resultado desse projeto, para o inconsciente dele o mais importante é falar, essa fala se expressa através de eloquência de seu trabalho. E esse comportamento explica porque tantos artistas se esmeram em suas obras, morrem por elas. Imagine também, a capacidade de um arquiteto que tem que pensar em tudo, desde a fachada externa ao piso que será utilizado em cada canto.

O arquiteto constrói espaços dando sentido e significados internos, cada traço que desenvolve busca realizar o desejo do seu cliente paralelo ao seu desejo que pode ser bem oculto. Seja qual a for a construção, hoje ele precisa está ligado as novidades a sua volta, a gama de exigências são elevadas nesse mundo globalizado, mundo holístico, a natureza cada dia que se passa se faz mais presente, tudo agora é uma questão de energia, existem técnicas diferenciadas para todas essas novidades. Por exemplo: Acredita-se que cada vez mais o Feng Shui deveria se chamar de arquitetura psicológica, pois, as pessoas com déficits emocionais escolhem ou remodelam as suas moradias para reforçar suas doenças. É comum, vemos homens ou mulheres que tenham disfunção do desejo (apatia sexual), dormirem em quartos onde as camas fiquem em frente a porta do banheiro ou tenham uma televisão no nível dos pés, acredita-se que tanto uma como a outra situação leva a uma drenagem da energia sexual.

Pessoas melancólicas, angustiadas, e mesmo com níveis moderados de depressão (doença) montam quartos com predominância da cor azul, mantêm quadros ou ilustrações onde figuras humanas aparecem olhando para baixo, com expressão de tristeza ou dor. Psicóticos em geral criam ambientes caóticos, bagunçados, onde é fácil para a sujeira, o mofo, a umidade, se esconderem e dali

irradiar a sua energia venenosa. Claro que sempre há boas justificativas: falta de espaço, vida corrida, falta de dinheiro para consertar, comprar armários etc. As técnicas escolhidas tem por objetivo contemplar visões diferentes de uma mesma realidade, como as provenientes de diferentes campos de conhecimento (no caso, Psicologia e Arquitetura), o que tornaria o leque de informações ainda mais promissor. Como tudo na vida tem seus extremos, pessoas normóticas (aquelas que são doentamente reativas a qualquer tipo de mudança ou progresso), têm horror a cor, buscam manter o monocromatismo de suas casas, e têm muita dificuldade de se livrar do passado.

A ARQUITETURA DE BRASÍLIA

Brasília é uma proposta que deu certo, um sonho realizado. A proposta em questão, por sua temática e formato inéditos disponibiliza um acervo "vivo" envolvendo uma grande montagem artística associada à valorização das obras do patrimônio público da cidade. Muitas homenagens são rendidas à capital Brasília e a personagens importantes do período de sua construção, em especial a um grande nome da arquitetura brasileira, reconhecido internacionalmente: Oscar Niemeyer. Brasília é a única cidade do mundo construída no século XX considerada, desde 1987, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, este é o título maior conferido à arquitetura de Brasília, pela Organização das Nações Unidas - ONU. Lúcio Costa, seu projetista urbanístico, e Oscar Niemeyer, o arquiteto das mais importantes edificações de Brasília, conseguiram a harmonia plena entre volumes, espaços e formas. É o maior exemplo de arquitetura modernista do Brasil, a imaginação ganhou espaço, fluíu tornando-se um dos maiores marcos na arquitetura do nosso país. Os prédios criam ambientes urbanos, belos e harmoniosos, remetendo suas construções ao conceito do novo e do arrojado. O céu tem um tom de azul que não se vê no restante do país. Brasília é uma cidade limpa, aberta, clara. Os extensos gramados verdes e os jardins coloridos dão o tom natural à beleza da jovem cidade.

As edificações parecem não ter peso sobre o solo. As linhas arquitetônicas adotadas para as fachadas e colunas de sustentação dos prédios são de beleza ímpar, os prédios envidraçados dos modernos edifícios comerciais, espelham a cidade, multiplicando o reflexo das belas imagens arquitetônicas como um sonho futurista. Paralelamente esses novos e arrojados conceitos arquitetônicos, traz a Brasília uma mudança de postura dos arquitetos de todo Brasil, uma dando ênfase muito grande a busca de valores dos espaços públicos, tornando Brasília parte constitutiva de todas as diretrizes políticas do nosso país que tem lugar inclusive para as manifestações coletivas; Não se trata apenas de uma concepção urbanística e sim um fato absolutamente necessário a postura política nacional. Brasília tem o dom de encantar aos que visitam, aos que moram nela. Abaixo uma narrativa do então presidente Juscelino Kubitschek em uma de suas contemplações :

“Era, de fato, uma cidade diferente, e edificada num cenário, que lembrava uma paisagem lunar, digno, portanto, da audácia que presidira a sua arquitetura. Não resisti à tentação de evocar o encantamento proporcionado por aquela visão: - Nas tardes do Planalto, os crepúsculos de fogo se confundem com as tintas da aurora. Tudo se transforma em alvorada nessa cidade, que se abre para o amanhã” (*Por que construí Brasília – Juscelino Kubitschek, pág.253*)

A estratégia adotada de confrontar as diversas idéias em função das obras escolhidas, permite vislumbrar não apenas o significado das obras selecionadas no panorama da crítica nacional, mas também as idiosincrasias do pensamento arquitetônico. Numa seqüência cronológica, umas das primeiras construções, Palácio da Alvorada em 1957, denota o uso de matérias frias, concreto, cimento mármore, pilares externos, a ousadia do movimento moderno europeu em plena década de 50. Um outro exemplo mais arrojado ainda é a Catedral Metropolitana Nossa Senhora de Aparecida, projetada por Niemeyer. É um dos cartões postais mais bonitos da capital. Inaugurada em 1970, é formada por 16 pilares curvos decorados com vitrais criados pela artista Marianne Peretti. No interior, pinturas de Di Cavalcanti retratam a Paixão de Cristo e três anjos, de Alfredo Ceschiatti, ficam suspensos ao teto, como se flutuassem.

Do lado de fora, as esculturas dos quatro evangelistas, também criações de Ceschiatti, confere um ar “sacro” a entrada da Catedral. Belíssimas obras de arte. Brasília é parte importante da historiografia arquitetônica brasileira, com sua diversidade de tendências apresentadas e uma representatividade da realidade arquitetônica que ainda não havia sido traçada. Brasília tem seu traço feito pelo o arquiteto Oscar Niemeyer deu vida a cidade, ele projetou dezenas de edifícios residenciais, comerciais e administrativos, propriedades estruturais para dar formas sinuosas aos prédios. Um grande arquiteto que abraçou o sonho de um presidente e sua nação, apesar das críticas, foram muitos que sonharam com a nova capital.

A construção de Brasília configura a superação das limitações culturais e históricas e, no campo da arquitetura, privilegia a quebra da pretensa unidade estética.

As reafirmações das identidades locais determinam o início da fase pós-Brasília, quando se evidenciam as características regionais e as diferenças de materiais e técnicas construtivas.

A Brasília de hoje e sua arquitetura modificou claro, a constatação do conflito provocado com o adensamento dos bairros centrais e entorno da cidade, estabeleceu a prioridade para a alteração das escalas dos projetos de planejamento e desenho urbano. Paralelamente, a despreocupação com os modelos modernistas e o cuidado com o habitat ampliaram o campo de trabalho dos arquitetos e possibilitaram o desenvolvimento das tendências arquitetônicas pós-modernistas e tecnológicas. Temos construções belas, prédios cada vez mais altos, o uso do concreto concorre com as estruturas metálicas; o tijolo aparente e as cerâmicas imprimem as cores tropicais do Brasil. A presença do verde quebra o que seria um visual aparentemente frio, é uma constante e faz parte da cidade. Hoje, se tem uma arquitetura que se preocupa com clima seco por exemplo, busca-se a utilização de materiais modernos permitindo uma adequação climática para o conforto do cliente.

A cidade cresceu assustadoramente, fugiu ao planejamento inicial, segundo seus idealizadores, era para ter 500 mil habitantes na virada do milênio, mas, o aglomerado urbano do Distrito Federal já passou dos dois milhões e se adicionar o entorno, chega a mais de três milhões. É um microcosmo do Brasil.

Claro que o lado humano da arquitetura sofre a influência do mundo capitalista e do poder imobiliário, que a corrompem e desmerecem. Brasília hoje tem uma imagem forjada pelo mito e também pela história de uma idéia, que se conclui com a execução do seu projeto modernista. Para dizer de outra forma, é uma cidade rica em carga simbólica. Poucas cidades do mundo têm uma carga simbólica tão forte como Brasília e essa carga simbólica trouxe a cidade um outro título: Capital do misticismo, da magia, do oculto, uma cidade misteriosa, cheia de segredos. Não importa o que a realidade negue ou venha a negar o que a idéia de Brasília representa ou representou ao longo dos tempos. Mitos não se destroem facilmente; sobrevivem à própria realidade material. Hoje, a Capital do Brasil recebe visitantes do mundo inteiro. É um

verdadeiro um marco da arquitetura. Brasília é estudada e citada como exemplo pelas faculdades de arquitetura e urbanismo em todos os países.

“Para quem contempla Brasília, as emoções são sempre diversas. Admira-se a grandiosidade do Plano de Lucio Costa, o gênio de Oscar Niemeyer e a obstinada confiança de um povo e seu destino nacional. Só assim, tornou-se possível levantar no planalto uma cidade que é ao mesmo tempo um poema e um eterno compromisso com o futuro”. (*Por que construí Brasília – Juscelino Kubitschek, pág.255*).

CONCLUSÃO

Fazer um trabalho sobre a Arquitetura e Marketing foi realizador ! Eu não tinha uma noção tão bonita como por exemplo: Brasília foi sonhada, uma grande idéia se tornou uma poesia e exatamente porque o marketing foi muito bem elaborado.

O Marketing e a propaganda tem um papel fundamental, utiliza meios como o belo, o visual e a informação para levar aos consumidores o bem estar e a felicidade através de seus produtos solicitados por seus clientes.

Um dos princípios da comunicação hoje é atingir o consumidor através de um vínculo mais próximo dos seus sonhos e dos seus desejos que são os combustíveis geradores do impulso de suas necessidades., resolver as necessidades de seus clientes, se a comunicação entra na nessa realização, a arquitetura, o design , o referencial de visual entra também, são recursos decisivos . Segundo o livro “Arquitetura da Felicidade” há um associação clara da construção como um meio não verbal de vender um ideal, uma necessidade, um sonho que reorganiza as idéias. Já é possível, de maneira bastante simples, constatar-se o estado de consciência que reina e todo o mundo, levando empresas a divulgarem, como forma de propaganda, todos seus investimentos em prol do desenvolvimento humano, das moradias, da segurança e tudo que eu possa levar ao bem estar e ao conforto do consumidor.

Por exemplo: No meio ambiente, tornando-as ideologicamente mais atraentes aos consumidores, bem como a outros parceiros empresariais em alguns países do mundo, principalmente na Europa, já são exigidos das empresas que desejem negociar com este países, certificados que constatem a qualidade de suas "gestões ambientais", ou não é permitida a implementação de projetos econômicos com as mesmas.

No mundo moderno não há mais espaços para os ideais de progresso advindos da revolução industrial, onde o único valor reconhecido era o aumento da produção econômica.Outros valores são, tais como a degradação ambiental provocada pela implementação de uma determinada atividade econômica, em busca do bem maior que deve servir de parâmetro para qualquer sociedade, a qualidade da vida humana, que depende diretamente da qualidade de seu meio ambiente, de seu

habitat. Sem um meio ambiente equilibrado e saudável, o homem está condenado a destruição, portanto jamais se poderá especular sobre progresso e desenvolvimento, sem considerar, antes de qualquer outro valor, as conseqüências trazidas ao mesmo e como preservá-lo para as gerações presentes e futuras, em busca de um mundo mais humano e habitável.

BIBLIOGRAFIA

ALAIN. de Botton; Trad.: Talita M. Rodrigues; Rio de Janeiro: ed. Rocco, 2006

BRAGA, Andrea da Costa; FALCÃO, Fernando A.R. Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília. Brasília: Fundação Athos Bulcão/Depha/Secretaria de Cultura/GDF, 1997.

CÉLIA. Silva Guimarães Barros; 15° ed. São Paulo: Ática, 1997.

DUFRENNE, Mikel. Estética e Filosofia. 3° ed. São Paulo: Perspectiva, 1998

GYMPEL, JAN. A História da Arquitetura Moderna, da antiguidade aos nossos dias. 1° ed. Germany : 2001.

GLANCEY, JONATHAN. A História da Arquitetura. 1° ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GOMBRICH, E. H. A História da Arte. 16° ed. Rio de Janeiro : LTC, 1999

JASPERS, KARL. Psicopatologia Geral, VOL I . Tradução: Samuel Penna Reis. 9° ed. São Paulo: Atheneu. 1997.

KUBISTSCHEK. JUSCELINO. Por que Construí Brasília - Rio de Janeiro: ed. Bloch Editores S.A: 1975.

LASSANCE, Adalberto. Brasília Capital do Brasil. Brasília: Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal / Pórfiro, 2003.

SETUR/DF. Brasília Coração Brasileiro. Brasília: Secretaria de Turismo do DF / Sebrae, 1995.

VÁZQUEZ, A. S. Um convite à estética. Trad.: Gilson Baptista

Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 336 p.

SITES PESQUISADOS NA INTERNET

<http://www.districtofederal.df.gov.br/>

http://veja.abril.com.br/050406/p_100.html

<http://www.vitruvius.com.br>

<http://www.infobrasilia.com.br>

<http://www.epoca.globo.com/canais/canais/pesquisa.htm>

<http://www.correiobraziliense.com.br/>

<http://www.folha.uol.com.br/>

<http://www.estadao.com.br/>

<http://www.arquitetosbrasileiros.com.br>